

# *O Poema O Bicho na Perspectiva da Análise do Discurso: processos de produção e efeitos de sentido*

THE POEM “O BICHO” IN THE PERSPECTIVE OF DISCOURSE ANALYSIS:  
PRODUCTION PROCESSES AND EFFECTS OF SENSE

Luciana Cristina Ferreira **Dias Di Raimo\***  
Luciana **Fracasse-Stefaniu\*\***

**Resumo:** Com base nos conceitos teóricos relacionados à teoria da Análise do Discurso de linha francesa, este artigo se propõe a refletir sobre os processos de produção dos sentidos no poema *O bicho*, de Manuel Bandeira, com o intuito de compreender o funcionamento discursivo dessa materialidade significativa pertencente ao discurso literário. Nessa perspectiva, buscamos apresentar as contribuições da Análise do Discurso como uma teoria de leitura que pode ser aplicada a diferentes textos, em específico, neste artigo, ao texto literário. Dessa forma, partimos de uma análise dos processos de constituição, formulação e circulação do poema, à luz de conceitos tais como condições de produção, memória discursiva e os processos de paráfrase e polissemia desenvolvidos pela analista do discurso Eni Orlandi, aqui no Brasil, calcada em uma reflexão sobre a relação entre o texto e o discurso. Assim sendo, procuramos dar visibilidade aos sentidos em funcionamento no texto,

---

\* Doutora em Linguística Aplicada (Ensino-aprendizagem de língua materna) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2009. Docente do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: diaslucian@yahoo.com.

\*\* Pós-doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Contato: lfracasse@yahoo.com.br.

o que nos permitiu trabalhar a contradição constitutiva de um “homem” que está na condição de bicho e contemplar os trajetos da memória do dizer, em que sentidos evidentes relacionados a restos e detritos podem ser outros e significar sobrevivência ou a contraparte do consumo, isto é, o que ficou de fora.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Texto literário. Processos de produção do sentido.

**Abstract:** Based on theoretical concepts related to Discourse Analysis from French perspective, this paper proposes to reflect about the procedures of production of sense in the poem *O bicho* by Manuel Bandeira, in order to understand the discursive functioning of this significant materiality belonging to literary discourse. In this perspective, we seek to present contributions of Discourse Analysis as a theory of reading that can be applied to different texts, in particular, in this article, to the literary text. Thus, we start from an analysis of the processes of constitution, the formulation and movement of the poem, in the light of the concepts such as production conditions, discursive memory and the processes of paraphrase and polysemy developed by the Discourse Analyst Eni Orlandi, here in Brazil, grounded on a reflection on the relation between text and discourse. Thus, we seek to give visibility to the senses in operation in the text, which allowed us to work the contradiction that constitutes a “man” who is in a condition of bug and contemplate the paths of memory of say, in which senses evident related to debris and rest may be other and mean survival or the counterparty of consumption, in other words, what is outside.

**Keywords:** Discourse Analysis. Literary text. Procedures of production of sense.

## Introdução

Tendo-se em vista os pressupostos teóricos advindos da Análise do Discurso de linha francesa, este artigo se propõe a refletir sobre os processos de formulação, constituição e circulação dos sentidos do/no texto, com base no poema *O bicho*, de Manuel Bandeira. Nossa proposta de análise de

um texto literário tem como objetivo repensar e deslocar as possibilidades de abordagem do poema supracitado graças à filiação à perspectiva discursiva. No lugar de perguntarmos “o que o texto quis dizer”, buscamos trazer um novo olhar a partir do qual nos interrogamos a respeito de “como o texto significa”. Salientamos que ler um poema pode e deve ir além da dimensão da estrutura ou do conteúdo do texto. A perspectiva discursiva nos leva a interrogar a respeito dos sentidos que o poema coloca em funcionamento e isso nos permite contemplar a determinação histórica dos sentidos (o mesmo) e o diferente, a possibilidade de o sentido ser outro.

Com os estudos linguísticos desenvolvidos no século XIX e as contribuições de Saussure, com o Curso de Linguística Geral no início do século XX, os estudos referentes à linguagem, feitos já na Antiguidade, adquiriram configurações peculiares e em diversas direções. Dentre esses diversos olhares, nos apoiamos na Análise do Discurso de linha francesa, compreendida aqui como um dispositivo de leitura.

Constituída por uma base interdisciplinar: Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, a Análise do Discurso (doravante, AD) teve início nos anos 1960, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux. Ao longo das décadas, esse campo de conhecimentos referentes à linguagem foi se expandindo graças aos precursores de Pêcheux, como, por exemplo, as analistas do discurso Ferreira (2000), Orlandi (2001), Indursky (2005), Mariani (2006), Zoppi-Fontana (2006), Lagazzi (2011), entre outros.

Essa base interdisciplinar traz algumas consequências teóricas: na ordem do discurso, há o sujeito na língua e na História, ou seja, para a AD é preciso ter em mente a concepção de sujeito descentrado, que tem a ilusão de ser fonte do sentido, quando, no entanto, este dizer é sempre um já-dito, um dito antes em outro lugar.

Podemos dizer que o sujeito da Análise do Discurso é duplamente afetado: de um lado, considerando-se seu funcionamento psíquico, o sujeito é falado pelo inconsciente, parte que ele desconhece; de outro, considerando-se seu funcionamento social, o sujeito é afetado pela ideologia, já que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Nos termos de Pêcheux (1988, p. 133-134), “o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação”.

Neste caso, é preciso considerar, de um ponto de vista discursivo, que o sentido não está preso às palavras, mas precisa ser tomado a partir das posições em jogo em uma dada conjuntura ou da inscrição do dizer em uma dada formação discursiva.

Segundo Orlandi (2001, p. 9), a AD nos permite “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem”. Além disso, podemos perceber que estamos sujeitos à linguagem, a seus equívocos, à sua não transparência e à sua não neutralidade. Ressaltamos que, entre as diferentes perspectivas voltadas aos estudos da linguagem, a Análise do Discurso (AD) é concebida numa perspectiva discursiva materialista, centrando seus estudos nas condições de produção do discurso, nas quais compreendemos um sujeito que pensa o que pode ser pensado, justamente porque está inserido num conjunto de possibilidades.

Neste caso, vale citarmos Orlandi (1988, p. 10-11), que traz três premissas que, a nosso ver, representam, em termos de concepções de linguagem e de sujeito, pontos nodais para o gesto analítico de leitura em AD, a partir da (im)possibilidade de pensar: (i) um autor onipotente cujas intenções controlassem todo o processo de significação; (ii) a transparência do texto que diria por si só uma significação; e (iii) um leitor onisciente que dominasse as múltiplas determinações dos sentidos que jogam em um processo de leitura.

## **1 Contribuições da Análise do Discurso (AD)**

Considerando o homem em sua história, a AD se volta para o contexto em que a linguagem é produzida, considerando que esta não é transparente. Dessa forma, o analista do discurso não busca simplesmente saber o que o texto quer dizer, mas sim entender como esse texto significa. Assim sendo, a AD trabalha os limites da interpretação como integrantes do processo de significação do texto. Não há, portanto, verdades escondidas atrás do texto, o que há, de acordo com Orlandi (2001), são gestos de interpretação responsáveis pela constituição do texto, cabendo ao analista do discurso o ato de compreender tais gestos.

Para Orlandi (2001, p. 16), a AD trabalha com a língua no mundo; além disso, considera os processos e as condições de produção da linguagem, tendo em vista o relacionamento entre a língua e os seus falantes e as circunstâncias em que o dizer é produzido.

Segundo a autora, as condições de produção correspondem ao sujeito, à situação e também à memória (ORLANDI, 2001). Em sentido estrito, referem-se ao momento da enunciação, ou seja, ao contexto imediato; em sentido amplo, abrangem o contexto sócio-histórico e ideológico.

A memória refere-se ao interdiscurso, definido por Orlandi (2001, p. 31) “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”. É através do interdiscurso, ou memória discursiva, que as palavras que dizemos fazem sentido, pois seus significados são oriundos de outros dizeres que se encontram armazenados em nossa memória e que vêm à tona com outras palavras a cada enunciado produzido.

Conforme Nunes (2006, p. 19), ao refletir sobre a relação língua-sujeito-história, a AD concebe que sujeito e sentido constituem-se ao mesmo tempo e historicamente. Dessa forma, para os analistas de discurso, a história não é tida como um pano de fundo, mas como fato constitutivo da produção de sentidos.

Constatamos, portanto, uma ligação entre o que já foi dito e o que está sendo enunciado; há, desse modo, estreita relação entre o interdiscurso e o intradiscurso. O nível intradiscursivo de análise, isto é, o eixo da formulação, é compreendido como a sequência efetivamente produzida na horizontalidade da cadeia verbal (SERRANI, 2005). É a dimensão que enfoca começo, meio e fim de um texto, ou, segundo Orlandi (2001, p. 33), “aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. Já o nível do **interdiscurso, o da constituição dos sentidos**, corresponde à dimensão vertical da linguagem, isto é, à relação de um enunciado com uma rede de dizeres já-ditos e esquecidos. Com efeito, é válido considerar que o interdiscurso determina o intradiscurso. Trata-se do intradiscurso enquanto fio do dizer, linearização, a dimensão horizontal do discurso, ou ainda, atualidade. Se a formulação é constituída pela memória, ela é também atualização dessa memória. Segundo Orlandi (2001, p. 33), “é desse jogo que tiram seus sentidos”.

O primeiro, como já dissemos, corresponde à constituição do sentido por meio de formulações produzidas e já esquecidas que determinam nosso dizer. Já o intradiscurso designa o ato da formulação daquilo que dizemos em um certo momento, em determinadas condições.

De fato, o sentido de um texto não existe em si, sendo, pois, definido pelas posições ideológicas dispostas no processo sócio-histórico a partir do qual as palavras são produzidas. Seguindo o mesmo raciocínio teórico, lembramos que em todo texto devemos considerar aquilo que é dito naquele momento, o que já foi dito e esquecido e também aquilo que não foi dito, mas faz sentido. A partir das noções de interdiscurso, de ideologia e de formação discursiva, a Análise do Discurso aborda o não dizer, o silêncio. Orlandi (2002, p. 13) define o silêncio como a *respiração* (o fôlego) da significação, um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.

Enfim, mostra-se válido considerar os três processos dos quais fala Orlandi (2001, 2005), três momentos inseparáveis, do ponto de vista da significação da linguagem: *constituição*, *formulação* e *circulação dos sentidos*. Conforme o exposto, o poema a ser alvo de nossa análise nos leva a compreender justamente uma relação do texto (com começo, meio e fim, uma unidade imaginária) com a memória que é convocada para a constituição de sentidos no/pelo poema, a partir de diferentes modos de circulação do poema *O bicho*, em nossa sociedade. Conforme Orlandi (2005, p. 151), “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”

Nessa perspectiva, com base em Orlandi (2001, 2005), comentaremos sobre tais processos de produção do discurso que conduzirão as análises a serem empreendidas:

- 1) *Constituição*: a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2) *Formulação*: em condições de produção e circunstâncias específicas;
- 3) *Circulação*: ocorre em certa conjuntura e segundo certas condições.

O momento da constituição, segundo Courtine (1984 apud ORLANDI, 2001, p. 32), corresponde ao interdiscurso e é representado como um eixo vertical composto por todos os dizeres já ditos e esquecidos. A constituição determina a formulação, visto que só é possível formular se nos projetamos na perspectiva do que é dizível. Assim, “todo dizer se

encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação), e é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 33).

Já a formulação corresponde à vida da linguagem, pois, conforme Orlandi (2005, p. 9), “formular é dar corpo aos sentidos”, na medida em que o homem, um ser simbólico, constitui-se em sujeito pela e na linguagem, inscrito na história para significar, possui seu corpo vinculado ao corpo dos sentidos. Nesse contexto, há um investimento do corpo do sujeito atado ao corpo das palavras, indicando que a formulação compreende:

O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação. Pois, não esqueçamos, o sujeito é determinado pela exterioridade mas, na forma-sujeito histórica<sup>[1]</sup> que é a do capitalismo, ele se constitui por esta ambigüidade de, ao mesmo tempo, determinar o que diz. A formulação é o lugar em que esta contradição se realiza. Ela é o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto (ORLANDI, 2005, p. 10).

Assim sendo, a formulação atualiza a memória discursiva e ocorre materialmente, ao colocar o discurso em texto, pela textualização<sup>2</sup>. Em outras palavras, a autora afirma que o interdiscurso (dimensão vertical, constituição) delimita o intradiscurso (dimensão horizontal, formulação) e todo dizer se constitui ao ser atravessado pelo interdiscurso (memória). Portanto, a formulação é resultado de um gesto interpretativo que dá corpo à linguagem.

Orlandi (2005, p. 16) reitera a necessidade de se compreender como o discurso é realizado, formulado, a partir de uma memória discursiva e como ele é colocado em texto. Segundo a autora, é tarefa do analista do discurso

---

<sup>1</sup> Segundo Orlandi (2006, p. 18), “a forma-sujeito é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”.

<sup>2</sup> Conforme Indursky (2006, p. 75), a textualização corresponde à tessitura dos recortes e das cadeias discursivas, efeito de textualidade, efeito de homogeneidade.

A construção de um dispositivo que leve o sujeito à compreensão do discurso, ou seja, à elaboração de sua relação com os sentidos, desnaturalizando-os e desautomatizando a relação com a língua, consigo mesmo e com a história. Essa elaboração permitiria ao sujeito trabalhar com sua ideologia. Pois bem, tudo isso tem a ver com a textualização e o modo como o sujeito formula e/ou compreende a formulação que se realiza (materializa) no texto (ORLANDI, 2005, p. 14).

Ao ato de formulação, que é feito materialmente pela textualização, ou seja, o discurso é colocado em texto, Orlandi (2005, p. 11) acrescenta a instância da circulação, ou trajetos dos dizeres, a qual corresponde aos meios e maneiras pelos quais os sentidos se formulam e o modo como circulam (escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.). Para a autora, não há privilégio entre as instâncias da constituição, formulação e circulação, portanto, a ordem de apresentação dessas instâncias só se faz por necessidade teórica ou por questões metodológicas.

Com base nessas considerações, tomamos a materialidade do poema como manifestação material concreta do discurso literário, com sua forma, suas marcas, sua historicidade e sua ideologia, a ser analisada, dando-se ênfase aos três processos de produção aqui definidos.

## **2 Abordagem Discursiva da Textualidade do Poema “O Bicho”**

Partindo para a análise discursiva do poema “O bicho”, é válido frisar que a perspectiva discursiva de gesto de leitura envolve um processo de elucubrações de ordem teórico-metodológica, o que contribui para que a leitura seja vista como um processo discursivo e não como mero gesto de decodificação.

Uma vez que a linguagem funciona sob o modo da textualidade, pretendemos, nesta seção do artigo, estabelecer conexões entre o poema em sua dimensão pragmática, com uma unidade, com seus limites possíveis, que está relacionado ao processo de formulação, isto é, à sua textualização e ao processo de constituição dos sentidos (memória), atentando, ainda, para os modos de circulação do poema por meios nunca neutros.



Na perspectiva discursiva, ler um texto não se restringe a uma série de estratégias (ler as informações gerais e partir para as específicas), buscando apreender o que o texto quis dizer. Ler é entender como o texto diz e não o que ele diz, isto é, como o texto produz sentidos. Além disso, ler significa saber que tanto o sentido pode ser outro quanto o sujeito não tem controle pleno dos sentidos. É entender que a linguagem serve para comunicar e para não comunicar (ORLANDI, 2001, p. 21).

Buscando deslocar uma prática muito recorrente na leitura de poemas na qual os alunos são solicitados a extraírem dos textos conteúdos e aspectos estruturais ligados às figuras de linguagens, rimas, efeitos sonoros, contagem de sílabas poéticas, nossa abordagem de leitura/gesto analítico contempla o poema tomado como pontos de deriva abertos a novas interpretações. Nesse sentido, vamos à abordagem discursiva do poema:

### *O Bicho*

- 1 *Vi ontem um bicho*
- 2 *Na imundície do pátio*
- 3 *Catando comida entre os detritos.*
- 4 *Quando achava alguma coisa,*
- 5 *Não examinava nem cheirava:*
- 6 *Engolia com voracidade.*
- 7 *O bicho não era um cão,*
- 8 *Não era um gato,*
- 9 *Não era um rato.*
- 10 *O bicho, meu Deus, era um homem.*

(Manuel Bandeira, 1986)

Um conceito que não pode ser deixado de lado em uma análise discursiva diz respeito às condições de produção do texto. Assim sendo, segundo Orlandi (2001, p. 30), “as condições de produção incluem o sujeito e a situação” e pode ser tomada em seu sentido estrito (o que corresponde às circunstâncias de enunciação específicas da formulação do vídeo) e sentido lato (o que corresponde ao contexto sócio-histórico mais amplo).

Tomando-se como base as condições de produção do discurso em seu nível micro (imediatos), temos o poema escrito em 1947, de autoria de Manuel Bandeira, sendo publicado no livro de poesia *Belo Belo*, em 1948. Na obra de Bandeira, predominam a liberdade de conteúdo e de forma, o retrato do cotidiano, a sua própria história de vida, o humor, a indignação com a realidade do homem e a idealização de um mundo mais justo. No caso do poema, o cotidiano da fome e da miséria está relacionado à anulação do homem, colocado na condição de um animal qualquer. Além disso, o poema de Bandeira é um recorte possível no interpretável, um exemplar de um discurso mais amplo sobre as misérias humanas.

Manuel Bandeira faz parte da primeira geração do Modernismo, e também atravessa a segunda fase de 1930-1947. O Brasil estava passando por uma crise social, política e econômica. Surgia, nos escritores brasileiros, a preocupação de analisar com uma visão crítica a realidade e os problemas do povo.

Nesse ponto, nos indagamos: como o *processo de textualização* é compreendido pela Análise de Discurso a partir do poema? Para a perspectiva discursiva, o texto deve ser pensado em sua materialidade (marcas, vestígios) e como objeto simbólico que se constitui em uma relação com a memória do dizer.

No que concerne ao contexto sócio-histórico mais amplo, uma vez que o discurso é a relação entre a língua e a história, consideremos o poema (textualidade) em sua relação consigo mesmo e com a exterioridade, compreendendo o trabalho dos sentidos no texto. Em outras palavras, o contexto sócio-histórico mais amplo implica a memória e os sentidos produzidos em outros contextos e em outras situações que significam na relação com o poema. Com efeito, tudo que já foi dito sobre miséria, fome, condição subumana do homem está significando no poema. Segundo Orlandi (2006, p. 22), “todo dizer se acompanha de um dizer já-dito e esquecido que o constitui em sua memória”. Dessa maneira, o texto convoca sentidos já ditos e esquecidos, sentidos evidentes e óbvios ligados justamente à estranheza e ao incômodo de um “ser humano” buscar no lixo algum tipo de alimento. Ademais, o poema atualiza uma memória na qual existem condições precárias de sobrevivência que constituem uma sociedade desigual como a brasileira.

Embora a condição da linguagem seja a incompletude, o poema de Manuel Bandeira emerge como uma unidade, a partir de um dado efeito de

fecho (GALLO,1992). Vale dizer que o texto não se relaciona unicamente à dimensão da formulação, visto que, na textualização, há uma incompletude que marca uma abertura do texto em relação a um processo discursivo mais amplo, em virtude de sua inscrição na história. Nesse caso, é válido refletir sobre a relação entre a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos, a partir do poema tomado como materialidade linguístico-histórica:

- 1) constituição dos sentidos - o trabalho da memória do dizer (interdiscurso);
- 2) à sua formulação - textualização do poema (intradiscurso);
- 3) à sua circulação - processo que os sentidos se dão em uma certa conjuntura, assentados em um dado suporte.

Ao abordamos a memória do dizer, reconhecemos que, enquanto memória discursiva, ou interdiscurso, esta abrange o esquecido e o lembrado, já que, para dizer, temos que deixar de dizer. O interdiscurso é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que sustenta cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2001).

No *corpus* em análise, o texto não rompe com a memória discursiva; justamente por isso as relações de sentido produzidas na textualização são formulações possíveis frente às condições de produção, não estando definidas, independentemente dessas condições. Ou seja, tudo que foi textualizado no poema tem relação com as condições de produção e com a memória: o poema dá corpo a uma representação de sujeito social degradado, que vive dos restos do lixo.

A partir desses questionamentos, nos reportamos à formulação do poema, ou seja, ao espaço do texto, no qual o recorte do social se faz presente:

- 1 *Vi ontem um bicho*
- 2 *Na imundície do pátio*
- 3 *Catando comida entre os detritos.*

Na condição de leitores, o que temos num primeiro momento? Temos a textualização a partir da qual um sujeito-enunciador “descreve” uma cena cotidiana que teria visto. Em termos de sujeito, espaço e tempo, temos planos e momentos subsequentes, na cena do poema, que produzem continuidades paralelas: um bicho (sujeito), o pátio (espaço) e o tempo marcado (a forma

verbal “vi” que se refere ao pretérito perfeito, uma ação passada, vivida pelo sujeito-observador).

Levando em conta os versos que textualizam o início empírico do poema e reiteram uma posição de indefinição do sujeito-objeto do olhar do sujeito-enunciador, podemos notar que o texto nos encaminha para uma imagem: um animal qualquer revirando a lata do lixo.

A forma verbal “catando”, no gerúndio, formulada no terceiro verso, produz efeitos de sentido relacionados à ação de um “animal” em busca da sobrevivência e constrói uma representação de uma necessidade desesperada por comida, na medida em que “catando” é carregado de uma memória na qual a palavra evoca sentidos ligados a uma prática em que “catar” refere-se tanto à retirada de insetos nocivos como piolho, pulgas quanto à retirada de impurezas de alimentos.

Além disso, considerando a construção sintática “imundície do pátio”, textualizada no verso 2, esta produz um efeito de sentido que relaciona tal identidade a condições precárias e inadequadas. No eixo do intradiscorso, nos deparamos com a palavra “detritos” (verso 3) cuja espessura semântica tem uma história, ou seja, a palavra detritos relaciona-se a resto, a fragmento (sobras de comida, migalhas). Até este momento da leitura, o sujeito-leitor ainda não está diante da informação de que se trata de um homem revirando o lixo. Considerando o movimento de sentidos na história, a leitura que se fazia de uma cena/imagem na qual um cão ou um gato estivesse “virando” a lata do lixo não é a mesma que é feita na nossa contemporaneidade. Assim, os efeitos que o poema produz na relação com a “tentativa” de sobrevivência em meio ao lixo afetando animais são desconcertantes em uma sociedade como a nossa, em que os animais estão constituindo parte das famílias e novas relações de afeto.

- 4 *Quando achava alguma coisa,*
- 5 *Não examinava nem cheirava:*
- 6 *Engolia com voracidade.*

Com relação aos versos seguintes, vale notar a elipse do sujeito sintático como processo recorrente na construção deste trecho do poema. Essa falta do sujeito, no plano do intradiscorso, é um ponto que nos leva a pensar na

incompletude da linguagem: tal forma de não dito significa justamente na relação com um sentido predominante em *O bicho*: de uma indefinição ou não identificação inicial do sujeito que busca alimento – também não identificado – entre os detritos. A expressão sintática “alguma coisa” também atesta a regularidade do poema em que a indefinição se faz presente.

A expressão “engolia com voracidade” remonta à experiência dos animais que, por instinto e/ou necessidade, devoram suas presas quando passam por longos períodos sem alimentação.

- 7 *O bicho não era um cão,*
- 8 *Não era um gato,*
- 9 *Não era um rato.*
- 10 *O bicho, meu Deus, era um homem.*

O movimento de leitura do poema – do início empírico até o final – apresenta uma regularidade no poema – as micro cenas que constituem cada verso – marca um distanciamento inicial do sujeito-enunciador observador em relação ao “bicho”, seguida de uma aproximação gradativa até o momento em que o sujeito-enunciador se certifica de que o bicho é um homem. Justamente, no efeito-fecho do poema: “O bicho, meu Deus, era um homem”, quando se define o bicho, a definição se textualiza por uma expressão nominal indefinida “um homem”.

Em termos de textualização (formulação dos sentidos), notamos uma recorrência da negação como marca linguística atrelada ao esforço de identificação do bicho (**não** era um cão, **não** era um gato, **não** era um rato). Neste movimento em que o “bicho” é mostrado à distância, a partir de suas ações, são as nomeações de animais que marcam a estrutura do poema, num primeiro momento. Já a identificação final do “bicho” se dá a partir do efeito de indignação ou de desapontamento do expectador: a constatação do sujeito-enunciador no poema de que o bicho é o bicho-homem é textualizada, seguida de um vocativo “meu Deus”. Com efeito, tal apelo a Deus, linguisticamente marcado no poema, a partir do vocativo, na textualidade, convoca sentidos ligados a sentimentos de compaixão, solidariedade e piedade em relação às pessoas.

Nesse contexto, a textualização de formas nominais indefinidas (um bicho, um cão, um gato, um rato) são repetições que produzem a evidência da indefinição ou esvaziamento da identidade do sujeito visto ao longe pelo sujeito-enunciador, a partir da evidência de que “cães, gatos e ratos removem lixos”. Ora, se o texto, na perspectiva da AD, se apresenta como uma delimitação imaginária, configurada na incompletude do discurso, é preciso compreender que não é possível dizer tudo, que a significação é uma questão aberta, que não se fecha. Ao chegar ao final da leitura, o referente “bicho” significa também o referente “homem”.

Pensando sobre a relação do dizer com a memória, “saciar a fome é um mandamento cristão que ressoa em nossa memória discursiva” (LAZAZZI, 2011, p. 405). Nessas condições do poema, temos a imagem, no caso desse sujeito-observador, do desespero, da ânsia de saciar a fome e garantir a sobrevivência, mas de maneira instintiva, e não racional. Nesse momento em que lemos o poema na íntegra, os sentidos não são mais os mesmos, nem seus efeitos.

Ora, se, enquanto sujeitos de linguagem, reconhecemos como evidência o gesto de examinar com cuidado os alimentos que vamos consumir e isso já se tornou uma prática corriqueira em nossa formação social, é preciso problematizar os efeitos de desconforto e de incômodo ao nos depararmos com um bicho-homem que revira o lixo. Sentidos ligados ao prazer à mesa, ao controle de qualidade e de validade e à necessidade de alimentos frescos e saudáveis nos coagem o tempo todo em nossa relação com a alimentação e saúde; contudo, no poema, Bandeira nos expõe a uma forma de se alimentar que não é reconhecida como legítima, isto é, é um (não)alimentar-se: comer no/do lixo não mobiliza sentidos ligados à saúde, ao prazer, à qualidade de vida, mas, sim, ao desespero de saciar a fome e sobreviver.

Além disso, um ponto que merece destaque diz respeito à possibilidade da deriva, ou seja, do deslize de sentidos, a partir da substituição de uma palavra por outra (PÊCHEUX, 1988), o que nos leva a pensar em um processo no qual a expressão nominal “um cão” (animal doméstico que revira lixo) produz a metáfora e a possibilidade de o sentido ser outro, deslizando para “gato” (animal doméstico que também revira lixo) e para “rato” (animal repugnante que comumente habita lugares inóspitos como lixos e esgotos) até “homem”. Nesse caso, é válido considerar que os sentidos

do poema derivam para outros sítios de significação. Na transferência de sentidos, no texto de Bandeira, rompendo com o esperado ou com o previsível naquelas condições de produção do poema, de que nos lixos estão animais famintos, removendo-os, não se trata de um animal que procura alimentos, o bicho do poema é o próprio homem.

O fecho do poema, escrito em 1947, lido hoje, a partir de outras condições de produção, significa de outra maneira, pensando-se a relação com a cena de animais em condições precárias. Com efeito, os sentidos não são fixos e se produzem na relação paráfrase e polissemia. A precariedade de condições, se foi associada como algo natural aos animais, hoje também significa como “algo a se enfrentar, evitar”.

Também, considerando que é preciso tirar proveito da polissemia, das possibilidades de sentido, após a leitura geral do poema, por exemplo, pensando no referente “bicho”, é possível trabalhar com possibilidades de sentidos, atestando o papel do equívoco. De fato, é interessante levar às consequências as representações sociais que poderiam se relacionar ao referente “o bicho”. Assim, indagamos: de que maneira podemos compreender as condições pelas quais determinada interpretação se faz possível e natural?

Quem é (seria) o bicho-homem?

- 1) É um andarilho?
- 2) É um mendigo?
- 3) É um catador de lixo?

Essa regularidade nos permite compreender que a relação de sentidos entre a indistinção e a distinção do bicho é um funcionamento constitutivo do poema. A constatação final no poema de quem tira comida do lixo é o homem funciona como pré-construído que sustenta a produção dos sentidos no poema *O bicho*. Assim, no gesto de buscar comida entre os detritos, os efeitos de sentido produzidos nos levam a pensar em possibilidades de representações identitárias:

- (i) o homem é também um bicho;
- (ii) o homem está no lugar do cão, do gato ou do rato, colocado na mesma condição de tais animais que reviram os lixos/esgotos em busca de alimentos.

Nesse imaginário discursivo, o desconforto se manifesta pela deterioração do sujeito-homem. O leitor é afetado pelo incômodo, pelo

sentido de lixo/detrito como possibilidade de sobrevivência e alimentação não somente para os animais, mas também para o homem. Em termos de condições de produção, a desumanização do homem está relacionada a determinações históricas que caracterizam um processo discursivo no qual os sentidos de ser homem estão em tensão com os sentidos de ser animal.

Levando em conta as reflexões empreendidas por Gallo (1992, p. 58), que entende a autoria como um esforço empreendido pelo sujeito do discurso para garantir fecho ao texto, ou seja, um efeito-autoria local, a formulação final “O bicho, meu Deus, era um homem” funciona como um fecho organizador de todo o texto, que controla a dispersão de outros sentidos possíveis e garante um final de sentido único. Nas palavras da autora:

A assunção de autoria pelo sujeito, ou seja, a elaboração da função-autor consiste, em última análise, na assunção da ‘construção’ de um ‘sentido’ e de um ‘fecho’ organizadores de todo o texto. Esse ‘fecho’, apesar de ser entre tantos outros possíveis produzirá, para o texto, um efeito de sentido único, como se não houvesse outro possível. Ou seja, esse ‘fecho’ torna-se ‘fim’ por um efeito que faz parecer ‘único’ o que é ‘múltiplo’; transparente o que é ‘ambíguo’ (GALLO, 1992, p. 58).

Na mesma direção, segundo Orlandi (1996, p. 76), “o fechamento do texto é, também, em si, um efeito”. A partir de um gesto do autor, Bandeira, o fecho, entendido aqui como efeito de unidade, coerência e não contradição, emerge a partir da formulação do texto que está relacionada tanto às condições de produção do discurso quanto ao trabalho da memória.

Com efeito, entre o leitor e o bicho-homem se produz a não identificação pela inaceitabilidade do lugar do outro: o fato de o sujeito se alimentar de restos encontrados no lixo, consumindo-os com voracidade, produz, justamente, no leitor o distanciamento em diferentes sentimentos: inconformismo, recusa, repulsa, tristeza, incômodo, nojo [...] (LAGAZZI, 2011, p. 404). Nesse sentido, as palavras “resto”, “detrito”, não têm o sentido nelas mesmas; mas em relação às posições em jogo numa dada conjuntura sócio-histórica, fica a interrogação: o que é o resto para aquele que joga no lixo e o que é o resto para aquele que busca algo entre os detritos? Qual a



imagem social daqueles que só ficam com o resto, com o detrito? Em consonância com as palavras de Lagazzi (2011), o detrito é a contraparte do consumo, o dejetivo a ser posto fora. Ainda que o lixo seja o resto, dentro de uma lógica do “jogar fora” aquilo que não nos serve mais, em contrapartida, em nossa sociedade, há aqueles sujeitos excluídos que ficam com essas “sobras”.

As diferentes formulações no poema convergem para o estranhamento e a distância desse mundo outro. O sujeito-observador parece que está do lado de fora da experiência do bicho, numa relação de fronteiras bem definidas. Que bicho-homem é esse? Aquele é um ser humano? A possibilidade das perguntas nos diz da sua inaceitabilidade na ordem social pautada por “nossos direitos humanos”: a necessidade de boas condições de vida e de alimentação para uma qualidade de vida!

Diante dessas análises quanto aos processos de constituição e de formulação do poema, voltamos nossa atenção à circulação dos sentidos do poema. A circulação diz respeito aos trajetos do dizer e das formas de divulgação do texto.

Nesse sentido, o poema circula entre as escolas, a partir do livro didático, apostilas ou antologias de poemas; entre universidades, por meio de trabalhos acadêmicos/teóricos sobre o autor ou sobre o próprio poema. No que se refere à prática escolar, há que considerar novos meios de circulação/comentários e análises de obras literárias ou poemas por meio de *sites*, *blogs*, dissertações, teses, artigos, enciclopédias *on-line*, bibliotecas virtuais.

Além disso, o poema pode se materializar em textos impressos ou imagéticos, constituindo até mesmo vídeos da internet nos quais o poema é narrado ou transcrito durante a visualização. Tais formas de circulação do poema referentes ao ciberespaço são produtivas e nos permitem pensar práticas de leitura de poemas que extrapolam o domínio escolar. Em mídias sociais, um poema como *O bicho* pode ser citado como espaço de reflexão ou, ainda, ser compartilhado entre usuários por seu “conteúdo”, que merece ser discutido ou pensado.

Em termos de formas de circulação, os percursos que um poema realiza na sociedade se dão a partir de conjunturas específicas que, nesse caso, têm relação, geralmente, com o domínio literário, escolar-acadêmico e, atualmente, como materialidade que, em meio a redes sociais, significa “convite

à reflexão”. Podemos, ainda, compreender o poema ligado a uma leitura curiosa ou não especializada como forma de prazer ou busca de conhecimento, considerando sujeitos-leitores afetos à leitura literária.

Enfim, o poema circula em meios nunca neutros e produz diferentes efeitos, seja a partir de sua inserção em livro didático, trabalho acadêmico, site ou mesmo em uma sala de aula, seja como forma de ilustração em aula, palestra, mídia social, para produzir indignação, conscientização ou, ainda, como fato social que reclama sentidos, o poema produz sentidos pelo modo como circula. Além disso, é preciso levar em conta que a circulação garante a preservação, o acesso e a divulgação de uma dada obra ou de um autor por diferentes meios.

### **Considerações Finais**

À luz das reflexões **produzidas** no percurso de análise do poema, relembramos que o texto, na perspectiva da AD, se apresenta como uma delimitação imaginária, configurada na incompletude do discurso. Assim, faz-se necessário compreender que a significação é uma questão aberta, que os sentidos não se fecham, **numa relação entre a repetição e a possibilidade de o sentido ser outro.**

No caso de nossa análise, entendemos que os sentidos produzidos a partir da constituição, formulação e circulação do poema **dão corpo** a uma memória da degradação humana e da ruptura de pré-construídos, tais como os direitos básicos de uma boa alimentação ou de condições favoráveis de higiene, por exemplo, a alguns sujeitos.

Em termos de memória discursiva que sustenta a formulação de todo dizer, observamos que os efeitos de sentido, produzidos a partir da leitura do poema, convergem para a inaceitabilidade desse outro mundo, na medida em que o enunciador parece estar fora das experiências vividas pelo bicho-homem e o olha com espanto e indignação. O estranhamento quanto às cenas descritas no poema toca justamente em sentidos estabilizados de qualidade de vida ou de direitos humanos já arraigados pela memória discursiva que, no caso do poema, não estão relacionados ao homem. Ademais, o fecho do poema produz efeitos de sentidos ligados a uma crítica acerca da condição do sujeito-homem, nos levando a identificar a contradição

funcionando no poema: o sujeito que cata restos no lixo, descrito no poema, deflagra justamente uma tensão entre o que é ser homem (ter dignidade) e o que é não ser homem (ser/estar na condição de um bicho) em nossa organização social.

Por fim, ainda que a regularidade do poema aponte para uma representação de sujeito animalizado ou degradado, observamos que o recorte do social produzido pelo poema de Manuel Bandeira não tem um sentido único, visto que essa materialidade produz diversos efeitos de sentidos conforme o contexto sócio-histórico no qual está inserido, isto é, o poema está sujeito sempre a novas leituras e interpretações. Nesse sentido, a cena ligada a bichos como cães e gatos revirando lixo, em uma prática de leitura atual, também pode causar um estranhamento ou mesmo um sentimento de compaixão que se relacionam a novas formas de significação as quais apontam para representações ligadas à humanização dos animais domésticos na nossa contemporaneidade.

## Referências

BANDEIRA, M. *Poesias completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FERREIRA, M. C. L. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GALLO, S. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. Caminas: Pontes, 2006. p. 33-80.

INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

LAGAZZI, S. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (Org.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011. p. 401-410.

MARIANI, B. (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história*. São Paulo: Faperp, 2006.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990 [1983].

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de línguas: currículo – leitura – escrita*. Campinas: Pontes, 2005.

ZOPPI-FONTANA, M.; GUIMARÃES, E. (Org.). *A palavra e a frase*.  
Campinas: Pontes, 2006.

Recebido em: 15/04/2016

Aceito em: 13/09/2016